



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional**

**Sub-eixo: Fundamentos do Serviço Social**

## **A HISTORIA DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UFPB E SUAS CONEXOES COM A PRIMEIRA ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL DA PARAIBA**

**ALINE MARIA BATISTA MACHADO<sup>1</sup>**

**LUCAS BARBOSA MONTENEGRO<sup>2</sup>**

**FRANCISCA FERREIRA SOUZA PEDROSA<sup>3</sup>**

**SÍLVIA LARISSA SILVA GUEDES<sup>4</sup>**

**RHADJA QUEIROZ CORDEIRO<sup>5</sup>**

### **RESUMO**

Objetivamos resgatar a história e memória da primeira Escola de Serviço Social da Paraíba. Metodologicamente é uma pesquisa documental. Principal fonte, o acervo do CCHLA/UFPB. Buscamos contribuir com a recuperação e publicização do curso de Serviço Social no estado. Após dez meses no arquivo, levantamos e tipificamos 4.172 documentos, destacando e digitalizando 383 que interessaram a pesquisa.

**Palavras-chave:** Curso de Serviço Social. História. Memória.

### **ABSTRACT**

We aim to rescue the history and memory of the first School of Social Service in Paraíba. Methodologically, it is documentary research. Main source, the CCHLA/UFPB collection. We seek to contribute to the recovery and publicization of the Social Work course in the state. After ten months in the archive, we collected and typed 4,172 documents, highlighting and digitizing 383 that were of interested to the research.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba

<sup>3</sup> Universidade Federal da Paraíba

<sup>4</sup> Universidade Federal da Paraíba

<sup>5</sup> Universidade Federal da Paraíba

**Keywords:** Course of Social Service. History. Memory.

No final do século XIX, o Serviço Social emerge na sociedade capitalista como profissão inserida na divisão social e técnica do trabalho, entretanto, os cursos de formação para o profissional de Serviço Social vão sendo criados no bojo do campo religioso. Daí muitas pessoas, que não são da área, acharem que essa ligação continua até hoje. Ocorre que, após a ruptura com esse campo no século XX, a profissão avança de forma laica atuando em variados espaços sócios ocupacionais, seja na esfera privada ou pública, nas políticas de Saúde, de Educação, da Previdência, da Assistência Social, no campo Sócio-jurídico, e, ainda, em organizações não-governamentais - Ongs e movimentos sociais.

Com o avanço histórico do curso de Serviço Social, bem como de suas diretrizes curriculares e profissionais, que vão desde a superação do arranjo teórico-doutrinário cristão franco-belga (erosão do Serviço Social tradicional), passando pelas correntes teóricas do positivismo, da fenomenologia até chegar ao Materialismo Histórico-Dialético. Desde a elaboração e reelaboração dos 05 códigos de ética da profissão (de 1947, 1965, 1975, 1986 e, o atual, de 1993) no decorrer de sua trajetória, seguindo no rumo do Movimento de Reconceituação Latino Americano (1965-1970) e do Movimento de Renovação Brasileiro (1967-1979), até chegarmos as atuais Diretrizes Curriculares de 1996, o curso de Serviço Social viveu muitas lutas e conquistas, ainda que saibamos, que muito das tradições religiosas ainda compõe o perfil da maioria dos nossos estudantes de graduação, principalmente na região Nordeste.

Com a implantação das Diretrizes de 1996, consolidam-se as variadas expressões da “questão social” como objeto de intervenção profissional. Assim sendo, compreendemos que essas questões estão bem demarcadas no âmbito acadêmico, porém, os estudos acerca das escolas de Serviço Social do país nem sempre são registradas nos anais da história. O que justifica a relevância de resgatarmos a história e a memória do curso, para que os profissionais que hoje formamos nas Instituições de Ensino Superior de todo o país saibam diferenciar que um profissional da área de Serviço Social não faz caridade, mas sim, viabiliza direitos sociais e humanos, pois, a profissão não é um avanço racionalizado da prática filantrópica.

Como nos explicaram Iamamoto e Carvalho (2003), ainda que a profissão se origine no campo religioso, desde o início está inserida na divisão social e técnica do trabalho, contribuindo não só com a viabilização dos direitos sociais, mas, simultaneamente, com a reprodução das relações sociais. Ou seja, mesmo que as escolas tenham surgido junto as Igrejas, as raízes da



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

profissão emergem no bojo da transição do capitalismo concorrencial ao monopolista, em pleno avanço dos processos de industrialização/urbanização e, conseqüentemente, de desigualdade social.

O objetivo geral da nossa pesquisa é resgatar a história e memória da primeira Escola de Serviço Social da Paraíba – ESS/PB ao processo de implantação do curso de graduação em Serviço Social na Universidade Federal da Paraíba - UFPB. E os objetivos específicos visam: - Organizar a documentação para divulgação e socialização da história e memória da primeira Escola de Serviço Social da Paraíba e do processo de implantação do Curso de Serviço Social na UFPB; - Aprofundar a sistematização temática, identificando as abordagens dominantes e emergentes na documentação investigada; - Analisar os principais sujeitos sociais que contribuíram com construção da Escola de Serviço Social da Paraíba e com o processo de implantação do Curso de Serviço Social na UFPB; - Categorizar e analisar os conteúdos das mensagens informadas nos documentos e Analisar o Documentário “OS 60 ANOS DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL NA PARAÍBA (1952-2012)”. E será a partir dos achados dessa investigação que traremos alguns resultados históricos.

De acordo com Machado (2023), os acervos documentais e bibliográficos são um verdadeiro espaço produtor de conhecimento. E as universidades são lócus carregados desses ricos acervos, muitos deles sem organização e tratamento (catalogação), dada a grande quantidade dos seus arquivos. Segundo Miranda, Freire, Silva, et al (2022, p. 01), “Os documentos de arquivos universitários trazem em seu escopo não só a memória histórica e cultural como também o caráter científico, em virtude da universidade ser um celeiro de pesquisa que proporciona o desenvolvimento científico e tecnológico”. Nessa direção, nossa pesquisa de iniciação científica, financiada pelo CNPq, tem buscado contribuir com a superação de 70 anos de invisibilidade da história da Primeira Escola de Serviço Social do estado da Paraíba, na região Nordeste, visto que apenas 02 estudos abordaram a temática, a dissertação de mestrado de Peixoto (1994) e a tese de doutorado de Magliano (2001), ambas da UFPB.

### **Contextualizando o debate dos primeiros cursos em nível internacional**

Em nível mundial, a primeira Escola de Serviço Social tem origem nos Estados Unidos. Segundo Martinelli (2001), essas primeiras escolas advêm da influência da *Sociedade de Organização da Caridade*, que, por sua vez, emerge da aliança da alta burguesia inglesa, com a



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Igreja e com o Estado. Nos Estados Unidos, “Mary Richmond, da Sociedade de Organização da Caridade de Baltimore, exerceu importante papel” (Martinelli, 2001, p. 106). Conforme a autora, mesmo não sendo burguesa, tinha grande prestígio na referida Sociedade, e, assim, levou Edward Devine (secretário de Sociedade de Organização da Caridade de Nova Iorque) a promover, em 1898, um curso que visava à aprendizagem da ação social “ou, como queria Richmond, *à aprendizagem da aplicação científica da filantropia*” (Martinelli, 2001, p. 106). A autora explica, que, a fim de racionalizar a prática da assistência no século XIX, tal curso acaba dando origem a criação da primeira Escola de Serviço Social no mundo, que recebera o nome de “Escola de Filantropia Aplicada”, e, no ano seguinte, 1899, foi fundada a primeira Escola de Serviço Social na Europa, em Amsterdã/Holanda.

Nesse mesmo ano, Alice Salomon iniciou em Berlim cursos para agentes sociais, que acabaram por dar origem a primeira escola alemã em 1908. (...) A “questão social” encontrava-se em plena efervescência em um mundo que se preparava para as grandes guerras mundiais, para a Revolução Russa e tantos outros embates que marcariam o século XX. (...) Em 1908, fundou-se na Inglaterra a primeira escola de Serviço Social, não ainda com esta denominação, porém já incorporada à Universidade de Birmingham (Martinelli, 2001, 107).

Vale ressaltar, que a origem dessas escolas não explica a gênese do Serviço Social como profissão. De acordo com Montañó (2000), existe duas teses sobre a origem do Serviço Social, uma que já foi superada é essa que acreditava que a profissão surge como um avanço da filantropia, e a outra, que é a que está em vigor nas nossas matrizes curriculares atuais, é a de que a nossa profissão surge da relação capital-trabalho. Porque o que deve ser questionado é: O que deu origem a essas escolas? Qual a raiz do problema? Porque se precisa de profissionais nessa área social? E é aí que temos no Brasil, a tese Marilda Villela Iamamoto nos anos de 1980, explicando o significado dessa profissão na sociedade capitalista, que ela vem para atuar nas variadas expressões da “questão social” na divisão social e técnica do trabalho.

Mas a questão aqui são as escolas e por isso nos detemos na história delas, mas sem perder de vista sua inserção no contexto da totalidade social.

Na América Latina, Castro (1984) afirma que a primeira escola de Serviço Social foi fundada no Chile, em 1925, seguido do Brasil, em 1936, e do Peru, em 1937. No Brasil, as primeiras escolas de Serviço Social deitam raízes na região Sudeste, a partir de cursos promovidos pela Igreja Católica. Aguiar (1995, p. 29) afirma que “muitas delas nascem de grupos que participaram dos cursos de formação social e das semanas sociais. Entre elas, as de São



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Paulo, Rio de Janeiro, Natal e Porto Alegre”. O autor também destaca que a primeira escola nasceu em São Paulo, em 1936, e a segunda no Rio de Janeiro, em 1937. A primeira emerge de Centro de Estudos e Ação Social – CEAS, o qual foi formado por um grupo de moças a serviço da Igreja Católica. E a segunda nasce:

pelo impulso do Cardeal Leme, Stela de Faro e Alceu Amoroso Lima. Este enfatiza a necessidade da formação social. Para que exista vocação social, é preciso formação social. É baseado nesta ideia que ‘a Ação Católica desenvolveu uma programação de Semanas Sociais, cursos de formação e outras atividades baseados na Doutrina Social da Igreja’. (Aguiar, 1995, p. 29).

Assim como Martinelli (2001), Aguiar (1995) vai apontar a preocupação da Igreja Católica com o comunismo e o liberalismo, pois ambos eram vistos como responsáveis pela época de crise e decadência cristã. As famosas encíclicas papais, *Rerum Novarum* (do Papa Leão XIII em 1891) e a *Quadragesimo Anno* (do Papa Pio XI em 1931) estimulam a ação do Estado frente a solução para o “problema operário”. Daí a Ação Católica ter como missão “a divulgação da doutrina da Igreja em vista à reforma social” (Aguiar, 1995, p. 20) e, conseqüentemente, a necessidade do Assistente Social para combater os “desajustamentos individuais e coletivos”.

## **Procedimentos Metodológicos da investigação**

Metodologicamente trabalhamos com a pesquisa documental e bibliográfica, de cunho exploratória e de abordagem qualitativa. Conforme Gil (2006), as pesquisas bibliográfica e documental trabalham com materiais já elaborados. A primeira se debruça sobre a investigação de livros e artigos científicos e a segunda sobre materiais que não receberam nenhum tratamento analítico, o que muda entre as duas são as fontes.

Inicialmente fizemos um levantamento bibliográfico para fundamentar e contextualizar o período histórico em que o Curso de Serviço Social se agrega a Universidade Federal da Paraíba, usamos o Documentário “OS 60 ANOS DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL NA PARAÍBA (1952-2012)”, do qual fomos Comissão Organizadora juntamente com mais três docentes do Departamento de Serviço Social da UFPB, como fonte de pesquisa. E recorreremos a Samara e Tupy (2007) para pensar como trabalhar com os documentos que vamos investigar, haja vista indicarem que o contato com a fonte deve suscitar, de imediato, algumas questões essenciais para uma primeira aproximação de pesquisa: “[...] qual forma material que o mesmo apresenta; qual conteúdo que disponibiliza para pesquisa; e quais objetivos ou propósitos de quem o

elaborou” (Samara; Tupy, 2007, p. 70).

Na fase da análise e organização dos dados tomamos por base a técnica análise de conteúdo porque, de acordo com Bardin (1977, p. 42),

é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (...) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens.

Para a autora, ao utilizar procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens, o interesse da análise de conteúdo reside no que esses conteúdos poderão ensinar após serem tratados. Mesmo porque, “por detrás do discurso aparente, geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar” (Ibidem, p. 14). Ela explica que as diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em torno de três pólos cronológicos: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material e 3) o tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Assim, na fase da pré-análise fizemos uma leitura flutuante dos documentos, o que permitiu as primeiras impressões. Em seguida, na fase da exploração do material realizaremos a caracterização dos sujeitos identificados nos documentos, seguido da categorização dos conteúdos das mensagens.

Já a categorização dos conteúdos das mensagens realizamos por meio da “categorização semântica” (Bardin, 1977), a qual consistiu em agrupar os conteúdos das mensagens por categorias temáticas. Neste sentido, no processo de categorização empregamos o procedimento por milha, cujo “sistema de categorias não é fornecido, antes resultando da classificação analógica e progressiva dos elementos. (...). O título conceitual de cada categoria, somente é definido no final da operação” (Ibidem, p. 119). Em outras palavras, a partir desse procedimento as categorias temáticas não são pré-estabelecidas, emergem dos significados hegemônicos do contexto ou do agrupamento de conteúdos afins.

Além disso, como nossa forma de abordagem foi qualitativa, as categorias não surgiram por causa da frequência de aparição nas mensagens, como é o caso da abordagem quantitativa, ao contrário, independem da frequência, surgiram devido à presença nas mensagens e dada a importância que possuem para o tema abordado.

Quanto à última fase da análise de conteúdo, o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, nos fundamentamos na teoria crítica do Materialismo Histórico e Dialético.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

O método que norteia este estudo, o dialético marxista, surge inspirado na forma como Karl Marx analisou as contradições do sistema capitalista, buscando nas formações sócio-econômicas e nas relações de produção os fundamentos verdadeiros da sociedade. Por considerar o capitalismo reprodutor de relações sociais injustas, Marx concebeu a filosofia “não como interpretação do mundo, mas também como guia de sua transformação” (Vázquez, 1977, p. 5). Sua forma de interpretar a realidade dá origem ao materialismo histórico-dialético (matriz teórico-metodológica vulgarmente conhecida como marxismo) e, por conseguinte, ao método dialético. Sobre este método explica Marx (1983, p. 20):

Meu método dialético não só difere do hegeliano, mas é também a sua antítese direta. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de ideia, transforma num sujeito autônomo, é o demiurgo do real, real que constitui apenas a sua manifestação externa. Para mim, pelo contrário, o ideal não é nada mais que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem.

Neste sentido, embora esse pensador tenha sido discípulo de Hegel – que concebia a realidade como uma projeção da ideia – se opôs ao aspecto mistificador da dialética hegeliana, promovendo uma nova inversão metodológica, a qual estabeleceu que não é a consciência que determina a vida, mas a vida é que determina a consciência (primazia da matéria sobre a ideia). Conforme Boron (2007, p.40-42), o método dialético

propõe reproduzir, no plano do intelecto, o desenvolvimento que tem lugar no processo histórico. Coube a Hegel o mérito de ter descoberto as formas gerais de movimento da dialética. Só que ao plasmar suas descobertas, o que fez foi cristalizar uma visão mistificada e fetichizada da dialética. Recuperada sua “figura racional”, como dizia Marx, a dialética deixa de ser um inofensivo recurso retórico para tornar-se “escândalo e abominação para a burguesia”, e isso por muitas fundadas razões: porque sustenta que o conflito social é onipresente (...), porque a lógica na história não é de identidade senão de contradição (...) [e] porque, ao consagrar a provisoriedade e historicidade de todo o existente, é socialmente corrosiva e radical.

Ao sustentar que “o conflito social é onipresente” o método dialético aponta que o movimento histórico-social não ocorre alheio aos conflitos sociais, ou seja, não ocorre ocasionalmente, independente das ações do homem; ao assinalar que “a lógica na história não é de identidade senão de contradição” indica que o processo histórico não segue um percurso linear, evolucionista e imutável, ao contrário, são as contradições, os conflitos e as revoluções sociais que impulsionam seu movimento; e ao “consagrar a provisoriedade e historicidade de todo o existente” assinala as possibilidades de processos de transformação no contexto da totalidade



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

social.

Boron (2007) destaca três aportes fundamentais do pensamento de Marx ao estudo da sociedade, os quais são centrais para viabilidade do método dialético: o primeiro reside na importância decisiva que esse pensador deu ao estudo da totalidade social, o segundo diz respeito à construção teórica que recupera a complexidade e historicidade do social e o terceiro é a relação entre teoria e práxis.

A totalidade social se contrapõe à esterilidade das visões fragmentadoras e reificadoras das relações sociais características do pensamento burguês. Diante da ausência de contradições esta totalidade é, conforme Montenegro (1993), vazia e inerte e, estas, as contradições, fora da totalidade são formais e arbitrarias. De acordo com Löwy (1992, p. 16), o princípio da totalidade como categoria metodológica não significa um estudo da totalidade da realidade, visto que ela é infinita e, portanto, inesgotável. Significa, então, “a percepção da realidade social como um todo orgânico, estruturado, no qual não se pode entender um elemento, um aspecto, uma dimensão, sem perder a sua relação com o conjunto”.

Já historicidade é um dos requisitos lógicos fundamentais de uma interpretação crítica. O contraponto passado e presente é essencial para explicar ou compreender o movimento da realidade social, cujas “configurações estáveis, normais, estáticas, sincrônicas representam momentos, sistemas, estruturas da mudança, dinâmica, modificação, transformação, historicidade, devir” (Ianni, 1990, p. 94). Trata-se de levar em conta as conexões históricas, em uma relação dialética que permite uma melhor compreensão da sociedade em que vivemos. Decerto podemos argumentar que precisamente aí está uma das limitações de parte das teorias sociológicas e educacionais contemporâneas, que captam o que o autor denomina de momento do real, ao invés de captarem o movimento do real.

E a relação entre teoria e *práxis* é fundamental porque a ação é condição do conhecimento e vice-versa. Ao se reportar a relação entre teoria (enquanto busca da verdade) e *práxis* (enquanto prática política) Boron (2007, p. 49) aponta a deserção dos intelectuais do campo da crítica e da revolução e explica que

Marx não estava interessado em desvendar os mais recônditos segredos do regime capitalista por mera curiosidade intelectual, mas sim sentia-se urgido pela necessidade de transcendê-lo, dada a radical impossibilidade de construir, dentro de suas estruturas, um mundo mais justo, humano e sustentável.

Nessa perspectiva, o método dialético nos orienta não só a considerar a hegemonia da



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

matéria sobre a ideia como a compreender o mundo para além da simples aparência, como um conjunto de processos em que a realidade social é vista como um fenômeno em movimento no contexto da totalidade social. Ademais, sugere que é sobretudo a partir da história que podemos perceber as contradições da realidade social e as possibilidades de superação dessas contradições, que ocorre por meio da ação concreta do sujeito social, isto é, da *práxis*. Concreto que, para Marx (1978), é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações.

Do ponto de vista da forma de abordagem esta pesquisa é qualitativa porque não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade e sim no critério de que os dados recolhidos devem ser “ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais, conversas (...). As questões (...) são formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural”. (Bodgan e Biklen, 1994, p.16).

### **Alguns dos nossos achados investigativos**

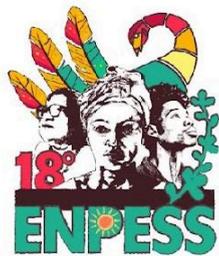
Após dois anos, nosso grupo de pesquisa concluiu o levantamento, a identificação, a organização e a tipificação de 4.172 documentos. E digitalização e sistematização temática de 383 que interessavam ao estudo. Foi possível verificar que, pela natureza dos documentos, era um campo vasto e inexplorado, e de uma importância histórica significativa para o Serviço Social do nosso estado. Os documentos encontrados contam a história da primeira Escola de Serviço Social na Paraíba – ESS/PB até sua extinção, e a abertura do curso na Universidade Federal da Paraíba.

Os 383 documentos selecionados foram sistematizados em 4 grandes eixos temáticos (quadro 1), os quais foram divididos em pastas com temas específicos para uma melhor organização.

**Quadro 1:**

#### **Sistematização temática geral das fontes documentais em quatro eixos**

<b>Nº</b>	<b>EIXOS TEMÁTICOS</b>	<b>Quantidade de pastas com temas específicos</b>	<b>Quantidade de Documentos nas pastas com temas</b>
-----------	------------------------	---	--



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

			<b>específicos</b>
<b>1</b>	Escola de Serviço Social (ESS)	25	323
<b>2</b>	Incorporação da ESS à UFPB	6	14
<b>3</b>	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	8	29
<b>4</b>	Temas Transversais	4	17
<b>TOTAL</b>	4	43	383

Fonte: Relatório de pibic de um dos bolsistas, 2023.

Os quatro grandes eixos apresentados no quadro 01 visam contar a história do curso de Serviço Social da UFPB a partir das suas raízes, ou seja, da primeira Escola de Serviço Social da Paraíba – ESS/PB, desde a fundação e desenvolvimento desta, até a sua crise e transição para seu fechamento e abertura do curso na UFPB. Conforme o quadro acima, os 4 eixos foram sistematizados em 04 grandes pastas do nosso drive, e subdivididos em 43 pastas com temas específicos, sendo 25 pastas referentes ao eixo 01 (Escola de Serviço Social - ESS), 06 pastas referentes ao eixo 02 (Incorporação da ESS à UFPB), 08 pastas referentes ao eixo 03 (Universidade Federal da Paraíba - UFPB) e 04 pastas referentes ao eixo 04 (Temas Transversais). O primeiro eixo com 323 documentos, o segundo com 14, o terceiro com 29 e o quarto e último com 17, o que somatiza um total de 383 documentos agrupados em 43 pastas do nosso drive.

Conforme a documentação investigada até agora, o primeiro curso de Serviço Social do estado da Paraíba teve origem no dia 20 de julho de 1951, na cidade de João Pessoa-PB, sendo solenemente inaugurado em 19 de março de 1952, registrando matrícula de 34 alunas. O curso nasce por iniciativa da assistente social e mãe, Maria Franklin de Andrade, da *Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado*, reconhecida juridicamente como *Sociedade Feminina de Instrução e Caridade*, (vinculada à Igreja Católica, com sede em Campinas-SP) que funda a primeira escola da área de Serviço Social no nosso estado.

A Escola, de domínio privado, seria então denominada “Escola de Serviço Social da Paraíba”. Conforme Guedes (2023, p. 13),

em um questionário em que a administração da escola responde ao SESC, podemos constatar que as fundadoras foram Madre Maria Durvalina Braz Bastos e Maria Franklin de Andrade. A diretoria da escola era assim composta: Presidente: Madre Adília Alves Coelho, Diretora: Irmã Maria Franklin de Andrade e Vice Diretora: Irmã Alda de Carvalho. A duração do curso era de 3 anos sendo que cada série era em um ano. A escola tinha capacidade para 55 alunas distribuídas nas três séries. A época, em 1954, a escola tinha 11 alunas no primeiro ano, 8 alunas no segundo ano e 11 alunas no terceiro ano.

No que se refere as suas sedes, antes do curso de Serviço Social funcionar na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, no período da Escola (1951-1972) passou por três endereços: 1) sede inicial, na Casa do Calvário/antigo Mosteiro de São Bento, na rua General Osório s/n, onde passou 09 anos (1952-1960); 2) sede provisória, na rua Almirante Barroso, nº 234, aí permaneceu durante 03 anos (1961-1964); 3) E sede definitiva, na Av. Castro Alves, atual, Av. Cor. João Luiz Ribeiro de Moraes, nº 279, deliberada através da Lei nº 2.574 de 8 de novembro/ 1961. Esse último endereço funcionou 9 anos, de 18 de agosto/1963 até o ano de 1972.

Machado (2023) explica que o Relatório de Encerramento da ESS/PB, de 1972, traz uma síntese do histórico da escola e as principais ações desenvolvidas entre os anos de 1951-1972. O documento destaca várias datas históricas, dentre elas: que em 1954 a escola se filiou à ABESS (Associação Brasil de Escolas de Serviço Social), em 1955 se filiou à UCISS (União Católica de Serviço Social – Bruxelas/Bélgica), em 1956 foi agregada à Universidade da Paraíba (UPB), por meio do Decreto número 40.160 de 16 de outubro de 1956, e em 1960 o curso é federalizado, sendo a Escola agregada à Universidade Federal da Paraíba - UFPB através da Lei nº 3.835 de 13 de dezembro de 1960. (Isso ocorre porque a UPB é federalizada e se transforma em UFPB)

Quando o curso foi agregado a então UPB, a Escola não perdeu seu caráter privado e continuava seu funcionamento através do pagamento de taxas e mensalidades, e, para as estudantes que não podiam pagar, existiam as bolsas de estudos, que a diretora conseguia com órgãos públicos (federais, estaduais e municipais) e fazia divulgação da escola, pedindo indicação de funcionárias públicas que tivessem interesse em fazer o curso.

#### **Imagens 01, 02 e 03:**

Fotos atuais onde funcionou a primeira Escola de Serviço Social da Paraíba (1951-1972)

01. Pátio da antiga ESS/PB

02. Corredor de acesso as salas de aula



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social



03. Lateral externa da antiga ESS/PB



Fonte: Arquivo do nosso grupo de pesquisa, jun/2023.

Na imagem 01 é possível observar o pátio da antiga Escola, que divide parede com a torre da Igreja do Mosteiro de São Bento. A imagem 02 mostra um dos corredores externos de acesso as salas de aula. Já na imagem 03 vemos a lateral externa da antiga Escola. A certeza de que estávamos no lugar certo ocorreu quando observamos uma fotografia da imagem antiga da madre Maria Franklin próximo a uma parede com os arcos, exatamente igual ao local onde estávamos.

Ainda que a ESS/PB tenha findado suas atividades pedagógicas em 1972 e as administrativas, financeiras e jurídicas em 1973, é a partir dela que emerge, ainda em 1970, um novo curso de Serviço Social, agora de cunho laico e público na UFPB, mas que aproveitou alguns dos seus professores e a própria coordenadora. Os documentos investigados revelam que quando a escola concluiu suas atividades pedagógicas a Sociedade Feminina de Instrução e Caridade vendeu seu terreno e blocos escolares para os Institutos Paraibanos Autônomo de João

Pessoa, atual UNIPÊ. Ademais, em face da rescisão do convênio da ESS/PB com a Universidade, coube a Escola finalizar as turmas do 3º ao 4º ano, ao passo que as séries iniciais, 1º ao 2º ano, seriam iniciadas no Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas. Esse Instituto foi a antiga FAFI (Faculdade de Filosofia e Letras) e, na época, estava localizado na Av. Duarte da Silveira, nº450, Centro, onde atualmente funciona a Escola Estadual Olivina Olívia da Cunha. O Instituto cresceu e deu origem ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA. E hoje se localiza no Campus 1 da UFPB.

Quando o curso de graduação em Serviço Social é implantado na UFPB, se inicia sem um Departamento de Serviço Social e por isso o corpo docente era chefiado pelo Departamento de Ciências Sociais. Só mais tarde contará com seu próprio Departamento. De acordo com Almeida (2021, p.194), “em 17 de outubro de 1969, em João Pessoa, o então reitor da UFPB. Dr. Guilhardo Martins, homologa como presidente do Consuni, a criação do Curso de Serviço Social, através da Resolução n. 08/69, vinculada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas”. Por fim, a autora também afirma que a madre Maria Franklin, que foi “a primeira e única diretora da Escola de Serviço Social (1951-1972)” (Ibidem), também foi a primeira coordenadora do Curso de Serviço Social da UFPB.

Atualmente, o curso funciona na modalidade de Bacharelado, composta pelo Departamento de Serviço Social (DSS), Coordenação do Curso de Serviço Social (CSS) e Laboratório de Estudos e Práticas Sociais (LEPS). Há também o Centro Acadêmico de Serviço Social (CASS), organizado e dirigido pelos estudantes. O corpo docente do Departamento de Serviço Social além de atuar na graduação, também contribui com o Programa de Pós-graduação em Serviço Social, fundado com mestrado em 1978 e que, entre 2022 e 2024, se organizaram e conquistaram o curso de doutorado junto à Capes.

## **Considerações finais**

Atualmente, a região Nordeste possui 193 cursos presenciais de Serviço Social, dos quais, segundo Goin, Fernandes e Oliveira (2021, p. 459), 177 são de natureza institucional privada e apenas 16 são de natureza institucional pública. No que se refere especificamente ao estado da Paraíba, as autoras apontam que ele possui 14 cursos presenciais de Serviço Social, sendo 11 privados e 03 públicos. Destacamos que desses 03 cursos públicos, o que funciona na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, desde 1959, é considerado o mais antigo. O mais



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

novo funciona na Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, desde 2009, e o nosso funciona na UFPB desde 1971, porém, suas raízes antes de se instalar no Campus I advém da primeira Escola de Serviço Social do estado, 1951, o que o torna mais antigo que o da universidade estadual supramencionada.

De acordo com Fávero e Motta (2016, p. 13), estudos que buscam recuperar e disponibilizar memórias também ajudam a construir a história, principalmente quando a história que se pretende recuperar não está escrita nos livros e demais produções da área.

A recuperação dessa história já resultou em um evento comemorativo dos 73 anos da primeira escola de serviço social no estado da paraíba, o qual ocorreu em agosto de 2024 no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, reunindo cerca de 300 pessoas.

## Referências

AGUIAR, Antonio Geraldo de. **Serviço Social e Filosofia: das origens à Araxá**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

ALMEIDA, Bernadete de Lourdes Figueiredo. Trajetória do Serviço Social na Paraíba. In: MOTA, Ana Elisabete; VIEIRA, Ana Cristina e AMARAL, Angela. (Orgs.) **Serviço Social no Nordeste: das origens a renovação**. São Paulo: Cortez, 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BODGAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BORON, Atilio. Aula inaugural: pelo necessário (e demorado) retorno ao marxismo. In: BORON, Atilio A., AMADEO, Javier e GONZÁLEZ Sabrina. (Orgs.) **A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

CASTRO, Manuel Manrique. **História do Serviço Social na América Latina**. Tradução de José



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Paulo Netto e Balkys Villalobos. São Paulo: Cortez, 1984.

FÁVERO, Osmar. MOTTA, Elisa. Educação popular e educação de jovens e adultos: memória e história. **VIII Seminário Nacional do Centro de Memória – Unicamp**. Campinas, 2016.

Disponível

em:

<https://www.cmu.unicamp.br/viiiiseminario/wp-content/uploads/2017/05/Educa%C3%A7%C3%A3o-popular-e-educa%C3%A7%C3%A3o-de-jovens-e-adultos-mem%C3%B3ria-e-hist%C3%B3ria-OS-MAR-F%C3%81VERO-ELISA-MOTTA.pdf> (Acesso em 01/05/2022).

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GOIN, Marileia. FERNANDES, Laryssa Danielly Silva. OLIVEIRA, Ariel Paula Jesus de. **Serviço Social no Nordeste Brasileiro: particularidades regionais e formação profissional**. *Revista Libertas*. Juiz de Fora, v. 21, n.2, p. 452-473, jul/dez. 2021. Disponível em:

[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/43536/1/ARTIGO\\_ServicoSocialNordeste.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/43536/1/ARTIGO_ServicoSocialNordeste.pdf) (Acesso em 10/05/2022).

GUEDES, Silvia Larissa da Silva. Identificação e sistematização temática dos documentos de implantação do curso de Serviço Social na UFPB. **Relatório de Iniciação Científica Pibic/Cnpq/UFPB do Plano 2 do Projeto SERVIÇO SOCIAL, HISTÓRIA E MEMÓRIA: da primeira Escola de Serviço Social da Paraíba ao processo de implantação do Curso de Serviço Social na UFPB (1951-1972)**. João Pessoa, 2023.

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2003).

IANNI, Otávio. A crise de paradigmas na sociologia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** nº 13. São Paulo, 1990.

LÖWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 1992.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

MACHADO, Aline Maria Batista. **SERVIÇO SOCIAL, HISTÓRIA E MEMÓRIA: da primeira Escola de Serviço Social da Paraíba ao processo de implantação do Curso de Serviço Social na UFPB (1951-1972).** Projeto de Iniciação Científica/Pibic/Cnpq/UFPB. João Pessoa, 2023.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Serviço social: identidade e alienação.** 7 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARX, Karl. **Contribuição para a crítica da economia política.** Tradução de Edgard Malagodi. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política.** vol. 1. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MIRANDA, Celio Roberto Freire de. (Et al). **Organização e tratamento do acervo documental para a preservação da memória institucional da UFPB.** Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/enex/trabalhos/2PRACCOEXPROBEX2012724.pdf> (Acesso em 11/05/2022).

MONTAÑO, Carlos. **La naturaleza del servicio social: un ensayo sobre su génesis, su especificidade y su reproducción.** Traducción de Alejandra Pastorini. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MONTENEGRO, M. E. **A psicologia histórico-dialética para cursos de licenciatura. Tese de doutorado.** Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, 1993.

PEIXOTO, Márcia Carlos de Souza. A(s) ideologia(s) no formação profissional do assistente social: um estudo de caso em João Pessoa. **Dissertação de mestrado/PPGSS/UFPB.** João Pessoa, 1994.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia S. Silveira T. **História & documento e metodologia de pesquisa.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

---

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

VÁZQUEZ, Adolfo S. **Filosofia da práxis**. 2 ed. Tradução de Luiz F. Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.